

ARAUJO

do F. C. PORTO

esforçado dianteiro,
muito popular no Norte

Stadium

N.º 69 ★ 29 DE MARÇO DE 1944

PARA ENTRETER, emquanto as pistas descansam

X — Mais geito e menos força

Conselhos técnicos
aos lançadores do martelo
por SALAZAR CARREIRA

TAMBÉM lhes havia de chegar a vez; os lançadores de martelo portugueses podem contar-se pelos dedos de uma só mão, mas o exercício merece o mesmo carinho das restantes especialidades atléticas e supponho que um esforço de propagação, teimoso e bem orientado, conseguiria, dentro dos clubes, aumentar o número dos adeptos. Para tanto, bastava obter a colaboração dos treinadores e o seu conhecimento da técnica deste lançamento; em seguida, incluir a prova no programa oficial dos juniores, com um instrumento mais leve (cinco quilos era bom peso), e promover com frequência exhibições entre os praticantes já classificados, usando também a esfera menos pesada.

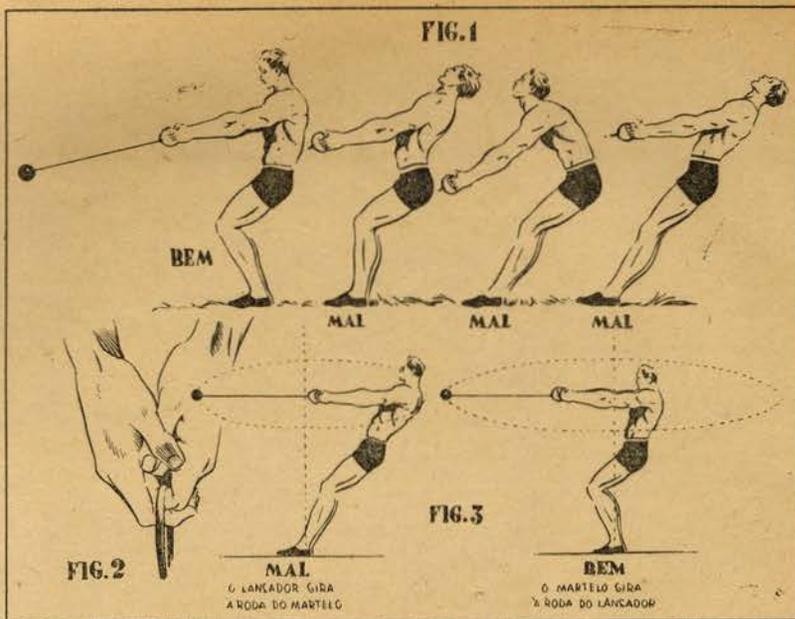
Embora seja necessária certa força muscular para a prática deste lançamento, não tem bases verdadeiras a crença geral de só serem possíveis lançadores do martelo os hercúleos pesados e volumosos. Qualquer atleta de peso médio, com desenvolvimento geral e fisicamente bem cultivado, pode conseguir resultados apreciáveis desde que possua geito e adquira, pelo treino, o completo domínio do martelo — que é a condição essencial para ser, durante todas as fases do exercício, senhor absoluto do seu equilíbrio.

O lançamento do martelo utiliza como agente de projecção a força centrífuga, de cuja intensidade se pode fazer idéia lembrando que uma esfera de mais de sete quilos gira em velocidade crescente na extremidade de uma haste de sustentação (constituída pelos braços e pelo arame) com perto de dois metros. Se o lançador não adquiriu, pela experiência, o conhecimento automatizado da posição do corpo que há-de, em todos os momentos, neutralizar a acção desequilibradora do martelo, os seus esforços resultam infructuosos e pode afirmar-se que, praticamente, em vez de o homem lançar o martelo, será o martelo que lança o homem...

Estas primeiras considerações servem para mostrar que o aprendiz precisa de consagrar a sua atenção inicial exclusivamente ao maneio do aparelho, fazendo-o girar tantas e tantas vezes, sem objectivos de lançamento, até sentir absoluto domínio da manobra, sem necessidade de contracções compensadoras ou atitudes forçadas, que prejudicam, depois, o aproveitamento óptimo das acções musculares que mais contribuem para o esforço disparador do martelo. A posição do tronco, por exemplo, é da máxima importância, porque deve ser tal que facilite a intervenção activa dos músculos dorsais e lombares no momento em que os braços executam o gesto final de libertação do martelo. (Fig. 1).

Como nos precedentes artigos, estas notas elementares destinam-se a assinalar aos atletas incipientes alguns pontos fundamentais da sua aprendizagem, embora possa suceder que sirvam, também, para apontar defeitos a alguns com maior experiência; assim se compreende que as nossas explicações se resumam ao A B C do exercício, sem por forma alguma alvejar a sua técnica completa.

Aprende-se, primeiro, a segurar o martelo (Fig. 2): a mão esquerda, protegida por uma luva reforçada na palma da mão, e aberta nas extremidades dos dedos, encaixa a pega na prega de flexão das primeiras para as segundas falanges, e sobre estas; a mão direita entra a cobrir a esquerda e os polegares ficam



livres, tudo como mostra a nossa gravura. Se a pega do martelo sobe demasiado na palma da mão, a libertação é mais difícil e aumenta a tendência para fechar os dedos, com força, o que é um erro inscritevel.

O trabalho seguinte, fundamental, é o de execução dos movimentos giratórios do martelo por cima da cabeça; enquanto o lançador não tiver perfeito domínio desta manobra, escusa de pretender ir mais além. Incorre no perigo de fracasso pela aquisição de defeitos mais tarde incorrigíveis.

Porque são muitos os pormenores a atender e tanto mais difícil a sua perfeita execução quanto mais pesado o martelo (esforço muscular intenso, equilíbrio precário, etc.), deve usar-se nos treinos de iniciação uma esfera de três quilos, passando com o tempo para o emprego progressivo de outras mais pesadas. Também consideramos indispensável que todos os exercícios de maneio ou lançamento do martelo se façam do interior do círculo regulamentar.

A circundação do martelo à roda do lançador é feita em plano oblíquo, cujo ponto mais inferior fica à direita e um pouco atrás da linha de apoio dos pés, sobe pela frente até à altura da cabeça e se dirige depois para traz e para baixo, tendo o ápice por cima do ombro esquerdo.

Reparem bem: o martelo sobe do flanco direito para a posição frontal e desce do ombro esquerdo para o flanco direito, durante a passagem por detrás das costas; quando passa em frente dos olhos do lançador, vai aproximadamente ao nível dos ombros e os braços estão completamente estendidos e frouxos. (Fig. 3).

A fase activa dos braços começa neste ponto e consta da tracção do martelo para traz e para baixo, no momento em que os braços se fletem: a trajectória ascendente, com os braços estendidos, é totalmente passiva.

Repito, porque esta é a chave da boa orientação dos movimentos giratórios do martelo, sem a qual são impossíveis depois as piruetas que precedem o lançamento: o martelo é rapidamente puxado quando segue de diante para traz e para baixo e é ele que depois arrasta os braços quando volta para diante e para cima; nunca se emprega a força tractora dos braços antes da flexão dos antebraços, em direcção ao ombro esquerdo.

A posição de corpo e pernas (Fig. 1), deve fugir a contracturas e assegurar perfeito equilíbrio; recomendamos a flexão dos joelhos, que ficarão ligeiramente adiantados ao apoio dos pés; o recuo da bacia e o ligeiro adeantamento dorso lombar; ombros avançados e cabeça flectida sobre o peito.

O período immediato de treino, acessível

quando o lançador sente perfeito à-vontade a maneira de fazer girar o engenho (só assim se entende quando o possa executar sem recurso a contracções compensadoras de desequilíbrios comandados pelo martelo), compreende o lançamento sem voltas no círculo, sem objectivos de distância e subordinado ao perfeito domínio do martelo. Sempre que se verifique qualquer irregularidade na execução, procura-se-lhe a causa determinante, corrige-se, e só depois se passa à fase final de aprendizagem.

A assimilação das três piruetas, por cujo intermédio se percorre o diametro do círculo, não é fácil; quer se adopte o sistema americano de salto, quer o método alemão de apoio alternado de calcanhar e ponta de pé, existe um esforço de coordenação que se não obtém às primeiras. Pecam por aqui alguns dos nossos raros lançadores — e aos principiantes, se não começam bem logo de princípio, esperam-se a mesma sorte.

O problema é digno de estudo pormenorizado, mas a sua análise — forçosamente extensa — já não cabe na página de hoje. Fica para outra ocasião.

N. da R.: — O nosso último numero teve a colaboração de algumas antipáticas gralhas, que os nossos leitores terão desculpado. Entre elas salienta-se, porém, a que foi provocada por um salto na 16.ª linha da 3.ª coluna da página 2 — na habitual crónica técnica de atletismo. O nosso colaborador dr. Salazar Carreira escreveu, nesse periodo: «É indispensavel que o pé de chamada assente de calcanhar (fig. 1) e que o corpo esteja aprumado e não inclinado para deante — isto com dois fins: anular o deslocamento horizontal do saltador e permitir o apoio rolado, enérgico e acelerado da solta do pé, etc.

Fica feita a necessária rectificação, pois como saiu não formava sentido.

ESGRIMA

O novo calendário da época de espada

A Federação Portuguesa de Esgrima estabeleceu definitivamente o calendário da época de espada como segue:

Maio, 6/7, torneio de terças-feiras categorias; 9/10, «Taça Sport Clube do Porto»; 11, torneio de segundas categorias; 19/20, «Taça António Bayard» (equipas); 26/27, «Taça Lima Júnior» (equipas); Junho, 6/8, «Taça Coronel Silveira Loureiro»; 11/17, «Taça Jorge de Paiva»; 22/24, «Taça Câmara Municipal de Lisboa» (equipas); Julho, 2/7, Campeonato Nacional; 11/15, «Taça Mestre António Martins».

Estão em principio reservadas datas, nos meses de Maio e Outubro, para dois torneios a efectuar no Estoril. O campeonato nacional de sabre foi adiado para 18 de Abril próximo.

O cap. Celestino Marques Pereira

director dos Serviços de Educação Física e Desportos da «M. P.», comunica à «Stadium» os objectivos e os meios de acção do movimento que vai ter próximo início.

COMEÇA dentro de três dias a Campanha Nacional de Educação Física da «Mocidade Portuguesa», em cujo quadro de orientação e propósitos de propaganda, «Stadium» foi, há uma semana, o primeiro dos jornais desportivos a integrar-se por iniciativa própria.

As declarações do sr. Comissário Nacional, prof. Marcelo Caetano, foram acolhidas com muito interesse e puzeram claramente em evidência os elementos do problema, sem contudo lhe esgotar o assunto; para focar todos os pormenores importantes, de posição e de aspirações, da prática de educação física em Portugal, outros depoimentos são indispensáveis e, pela ordem directa de oportunidade, cabe agora a vez ao professor capitão Celestino Marques Pereira, director dos Serviços de E. F. e Desportos da «Mocidade Portuguesa», mestre consagrado e animador de invulgares qualidades dinâmicas.

Para ouvi-lo não foi necessário trabalho de busca. O jornalista e o entrevistado, que ambos costumam juntar o exemplo à acção, encontram-se regularmente no mesmo ginásio. Também não foi necessário interrogar: o professor Marques Pereira conhece os propósitos de «Stadium», e para expor as suas idéias, sempre conscientemente arrumadas e prontas a serem transmitidas, basta-lhe soltar a sua natural fluência:

— Após as considerações do Comissário Nacional — diz-nos em préambulo — sobre o problema da educação física da juventude, que foi focado nas suas linhas gerais, pouco há ainda a salientar que possa ter vulto ou importância.

— Terá, em primeiro lugar, de expor com certeza o critério inspirador da campanha, cuja direcção lhe foi confiada — interrompemos, para entrar no assunto.

— Penso, exactamente, que a campanha não é mais do que um movimento visando a chamar a atenção para os factores que constituem as incógnitas do problema da educação física, quando posto em equação, factores e incógnitas que o espírito esclarecido do Comissário Nacional soube pôr de maneira lógica e actual. Parece-me, contudo, como diz, que algumas vantagens haverá em informar a opinião pública sobre as razões que presidiram à

orientação que vai dar-se à campanha e das causas determinantes das suas realizações.

— Estou pronto a escutar, e a tomar as notas devidas...

— Reconheço, antes de tudo, que o problema da educação física da juventude não é uma questão que hoje seja posta pela primeira vez, pois em dezenas de anos passados já ela mereceu estudo consciencioso e o apreço de muitos. Os factos deficitários, que se apontam ainda com justiça e perfeito conhecimento de causa, têm, portanto, necessariamente, de ser estudados face aos ensinamentos da longa experiência já realizada.

«Esta circunstância cria para a campanha um ambiente especial que é imprescindível frisar: ela é, sem dúvida, movimento de propaganda de uma orientação de ensino que adoptamos na «Mocidade Portuguesa» de acordo com o estudo cuidado so das melhores exigências pedagógicas da moderna formação, levando em conta o cunho característico e elevado da nossa tradição cristã; atendeu-se aos ensinamentos da ciência e às necessidades nacionais que a lei aponta como referentes à juventude. A Campanha vai ser, em suma, um movimento de esclarecimento da opinião pública para o qual se recrutaram os melhores elementos essenciais da formação da juventude, mas será também, evidentemente, um extraordinário meio de estudo para a «Mocidade Portuguesa», pela colaboração que a todo exige — não apenas aos seus próprios dirigentes, mas ainda a todos quantos, no campo especial da educação física, têm o direito de manifestar um parecer ou um ensinamento.

— A Campanha irá, então, movimentar grande número de agentes, concentrados no sentido de estabelecer as melhores condições de actividade e prática dos filiados da Mocidade?

— Toda a actividade global da «M. P.» é, como sabe, de estudo e de acção», porque é a de todos os seus dirigentes. Por isso a Organização, ainda que perfeitamente consciente do que pretende, como solução deste problema — e, entre todas tem o máximo direito a pronunciar-se em tal campo porque, se a lei lhe impõe um dever, logicamente lhe concede o direito a manifestar opinião e tratar da causa que o motiva, — não descarta a optima oportunidade que esta campanha constitui para revêr o problema, para o aprofundar e, portanto, para no estudo se fornecer de mais meios ulteriores de acção!

— Confia no acolhimento favorável da opinião pública à campanha que vai lançar?

— Firmemente. Ser-nos-ia ingrattíssimo que os objectivos não fossem claramente pretendidos. A «Mocidade» pretende e conseguirá interessar a opinião pública por um problema que é bem dela, porque

o é da Nação. Irá mostrar obra feita e evidenciar as causas de não ser já maior; mas, por igual se propõe estudar, «porque agir é o grande lema da juventude», como bem alto apregou o Comissário, e só no estudo essa acção encontrará o mais sólido ali-

(Continua na pág. 14)

COMEÇARAM — finalmente — a movimentar-se as duas modalidades de desportos do «stick» que se praticam entre nós: o «hockey» em campo e em patins. Quere dizer: volta-se a vida nova, tão necessária, em especial à primeira daquelas modalidades. E, como acontecimento de maior importância, figura a inauguração — a que se procedeu no último domingo, com um festival adequado às circunstâncias — do novo campo do Hockey Clube de Portugal, mercê da iniciativa da sua actual direcção, a que preside o nosso antigo engenheiro Milton Cruz.

O Hockey Clube de Portugal, desaparecido que foi o seu antigo campo, a Sele Rios, apropriado — dizia-se — por utilidade pública, em face de novos planos de urbanização da cidade, projectou imediatamente a aquisição de um outro terreno: as dificuldades eram, porém, cada vez maiores — e o clube passou a viver à mercê de amizades e doações... Mas, como no velho adágio popular, o H. C. P., de tanto esperar, sempre alcançou o que queria: um terreno próprio para a prática da modalidade que impôs e de que tem sido estremo propagandista: o «hockey» em campo. O novo terreno, situado em Palma de Biscaia, vem preencher uma lacuna e resolver, em princípio, um dos problemas que mais embaraçavam a divulgação da modalidade: a falta de campos adequados para a sua prática. E é isso o que importa de momento, sabido que o «hockey» tem tido vida efêmera...

Mas o novo campo — melhor dizendo: o novo parque de desportos de H. C. P. — não interessa somente no capítulo de maior propaganda do «hockey» — desporto, porque os dirigentes da colectividade pensam, também, na construção de um recinto para «brikk-balls» e de uma pista de atletismo. Então o Hockey Clube verá realizada a sua maior aspiração: a de voltar a ter um campo seu, e, por consequente, vida nova, com ansiosas e esperanças de um porvir mais radioso, que merece «Stadium» felicitar a direcção da simpática colectividade e, sinceramente, faz votos pelas suas prosperidades. — M. de C.

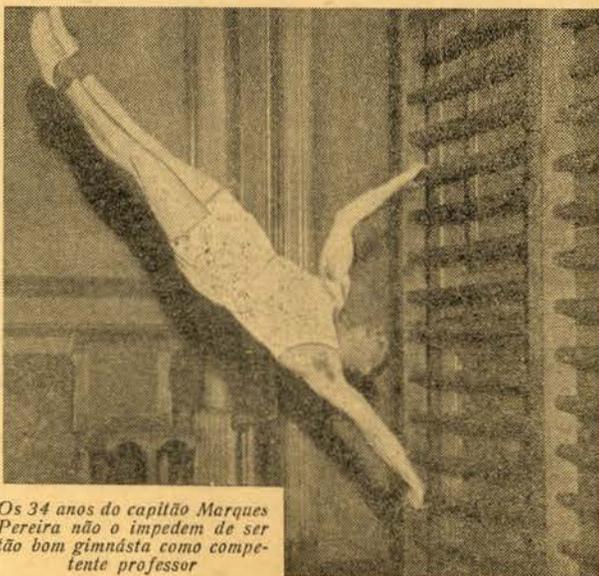
*

Reüniu-se já o congresso extraordinário da Federação de Patinagem, para apreciar as bases da criação das associações de Lisboa e Porto, conforme a nova orgânica geral do desporto. O congresso voltará a reunir-se, e então, criadas as associações regionais, dar-se-á começo aos campeonatos respectivos.

— No «hockey» em campo reataram-se actividades adormecidas desde que se fez a última assembleia da Associação de Lisboa, em fins de Setembro de 1943. Não vale a pena recordar... Mas convém esclarecer que tem havido muito desinteresse e alheamento pelos assuntos respeitantes aqúelle desporto. Ter-se-á regressado ao bom caminho? Crêmos que assim sucede. E, embora seja pouco o tempo disponível, — o campeonato regional começa no domingo e a época encerra-se em Junho — com boa vontade, é natural que algo se faça ainda para que o «hockey» possa ter um pouco de vida este ano. Que, em verdade, nenhum dos cinco clubes praticantes descurou a preparação das suas equipas — e isso é meio caminho andado.

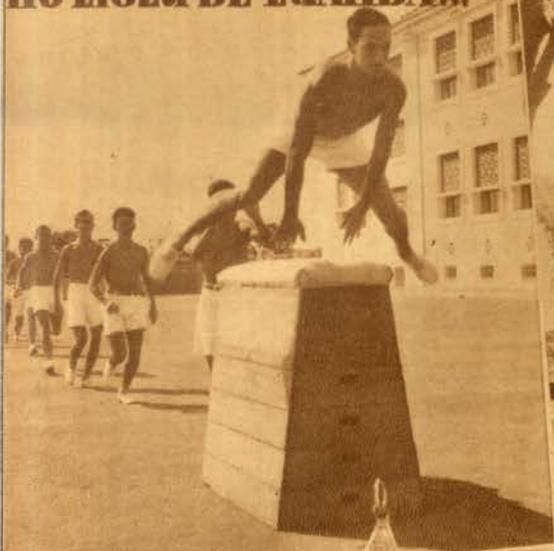
— A patinagem está conquistando cada vez maior número de adeptos e de simpatizantes. Referimo-nos, claro está, à patinagem pura. A constante construção de «rink» (de todos os tamanhos, de todos os feltos e em toda a parte...) é índice seguro do grau de interesse e desenvolvimento de uma especialidade desportiva que pode ser praticada, com benefícios imediatos, por toda a gente: crianças e adultos, homens e senhoras. Acabamos de ter conhecimento da construção de mais três recintos: um em Lisboa, na rua de Angelina Vidal, e dois na provincia, em Estremós e na Parede. Os últimos, garantem-nos, são verdadeiramente monumentais: em Estremós, anexo ao «rink», ficará um cinema, salão de baile e «bar»; no da Parede haverá, anexa também, uma piscina.

— A Associação de Hockey em Campo de Lisboa projecta fazer disputar, talvez em Maio, um novo encontro macaístas-lisboenses. A selecção de jogadores de Macau vai ser oposta, desta vez, a equipas que em Vigo disputou, há alguns anos já, o I Lisboa-Espanha, que «nuestros hermanos» ganharam por 2-1.



Os 34 anos do capitão Marques Pereira não o impedem de ser tão bom ginásta como competente professor

NO LICEU DE LUANDA...



...faz-se ginmastica a valer!



A maioria dos portugueses desconhece muita vez aquilo que de bom se passa em terras suas. Deficiências de propaganda organizada, desinteresse por certos problemas incompreendidos e efeitos da distância, são motivos que explicam essas aparentes anomalias, que é de justiça corrigir sempre que a oportunidade se oferece.

As fotografias que apresentamos nesta página, são a prova inequívoca de uma admirável obra de educação física que, no livro das actividades nacionais, merece página de honra — a par das melhores. Referem-se às classes de ginmástica que funcionaram em Luanda, no liceu misto de Salvador Correia, sob a direcção proficiente da professora D. Judite Furtado Coelho.

São quinhentos alunos, dos quais um terço de raparigas, que beneficiam de excelente ensino ginmástico e de cujo aproveitamento e correcta execução testemunham duas das fotografias que apresentamos e foram tiradas em dias de classe normal.

A ilustre professora, que actualmente se encontra em Lisboa no gozo de bem conquistada licença, entregou ao sr. ministro da Educação Nacional um relatório dos resultados da sua acção pedagógica durante os cinco anos que permaneceu em Luanda, e onde figuram quadros estatísticos das observações biométricas a que procedeu no início de cada ano escolar; por elas se verifica os enormes proveitos colhidos pelos alunos, que apresentam, por exemplo, uma média de 3 a 4 centímetros de aumento no valor da elasticidade torácica.

O liceu está instalado em magnífico edifício próprio, mandado construir pelo sr. dr. Vieira Machado, de cuja amplitude e bom gosto também algumas das gravuras dão perfeita idêa. Mas as lições são dadas em regra ao ar livre, porque o ginmásio não está montado ainda, nem existe por enquanto a necessária aparelhagem.

De modo geral, os alunos e alunas manifestam interesse pela frequência das classes de ginmástica, embora nos rapazes seja até certo ponto necessário lutar contra exagerada tendência para a prática precoce dos desportos, sobretudo futebol e «basket», cuja actividade lhes é livremente consentida em qualquer idade.

Nestas condições mais se valoriza ainda o esforço de aplicação dos bons preceitos da educação física, tal como a professora D. Judite Furtado Coelho, herdeira condigna de um nome de ilustres tradições, está dependendo com a mocidade da capital angolana e a cujos resultados notáveis nos alegramos de poder proporcionar nesta página uma parcela da merecida e necessária divulgação.

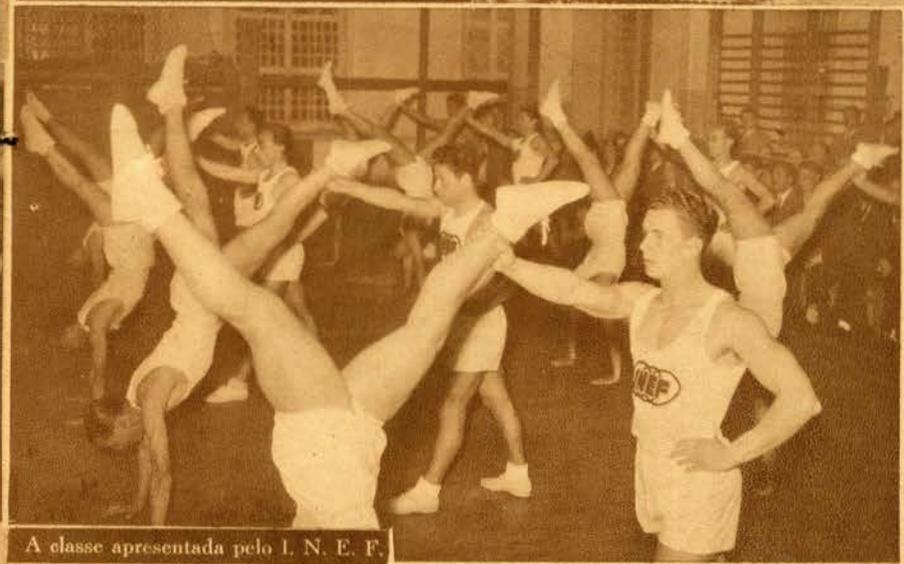
No momento em que a «Mocidade Portuguesa» se empenha com tão grande entusiasmo na Campanha Nacional de Educação Física, é oportuno mostrar o que também se vai aplicando, pelos territórios longínquos do Império, com dedicado empenho, em prol da saúde e boa formação da juventude.

O exemplo do criterioso ensino da ginmástica no Liceu de Salvador Correia é, por todos os motivos, para realçar: demonstra o alcance atingido pela organização escolar da educação física — precioso adjuvante da obra nacional de educação física num país, como o nosso, onde a escassez numérica de professores embaraça o desenvolvimento do ensino particular.

A nossa revista sente orgulhosa satisfação pela feliz possibilidade que se lhe oferece de tornar públicos o incremento e o progresso das práticas ginmásticas num dos mais importantes núcleos urbanos do Portugal africano.

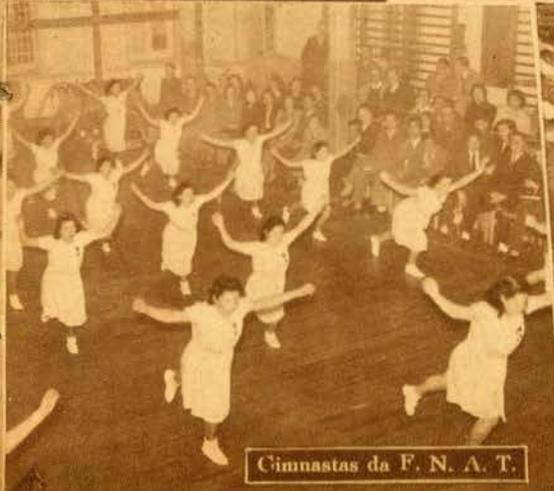


A mesa de honra do sarau de gala. A esquerda, o dr. Salazar Carreira, nosso estimado colaborador, pronuncia a sua brilhante conferência sobre Luiz Monteiro

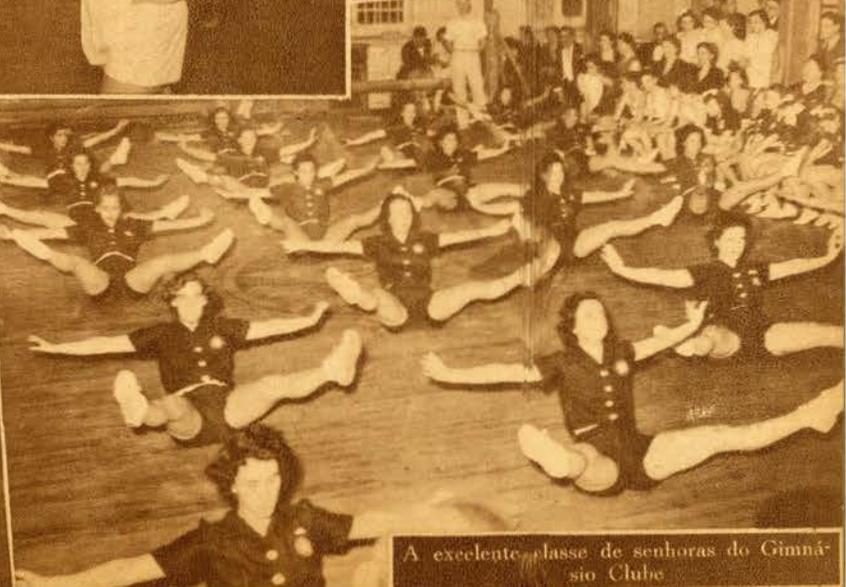


A classe apresentada pelo I. N. E. F.

O centenário de
LUÍS MONTEIRO
 foi comemorado durante a semana
 por iniciativa do *Gymnasio C. Português*



Ginnastas da F. N. A. T.



A excelente classe de senhoras do Gymnásio Clube

Há, até 1945, um campeão

Os concorrentes na tabela da classificação geral

por TAVARES DA SILVA

A dobada ura parou. Ao fim de dezoito jornadas, em quatro meses de caméiras, com os *teams* calcurreando o país de lés a lés, a luta atingiu o seu termo, havendo como de costume um vencedor e vencidos, e grupos satisfeitos com o seu comportamento, e outros, ou pouco contentes, ou atribuindo à falta de sorte o papel secundário que desempenharam e correlativa posição.

O Sporting conseguiu uma diferença de cinco pontos sobre o segundo classificado, e esta proeza parece desmentir o que se disse acerca do nivelamento das forças concorrentes, porque a verdade é que, nunca como desta vez, a diferença foi tão acentuada. Entre 1935 e 1941, o vencedor foi apurado pela diferença de um ponto e dois quando muito, do segundo classificado. Em 1941, o Sporting aumenta esse desnível para três sobre o Futebol Clube do Porto, mas, um ano depois, em 1942, Benfica acabou a prova com quatro pontos de avanço sobre o Sporting. Apesar disso, se tivermos em conta que essa vantagem foi conseguida ao *sprint*, isto é, na ponta final, não se deixará de manter como razão do maior interesse desta época, aquela referida tendência e equilíbrio.

Entre as razões apresentadas para justificar a conquista do título por parte do Sporting, pondo de lado o valor do grupo em relação aos outros concorrentes, figura aquêle que temos designado por *robustês*. As duas jornadas do fim, o Sporting tinha somente um ponto de avanço. Mas no seu magnífico galope adiantando-se ao Benfica, atingiu a meta com os tais cinco pontos de avanço.

A última jornada podia trazer à classificação geral sensíveis mudanças, mesmo em postos de honra. Tendo ganho o Olhanense, mas também o Porto, os postos na data da penúltima são os da última jornada. Pondo de lado o Benfica, a quem o título de sub-campeão quasi não aquece nem arrefece, dada a categoria do clube, deve pôr-se em realce a actuação do Atlético, ocupando o terceiro posto. Isto permitiu à Associação de Lisboa classificar-se nos três primeiros lugares — mantendo-se assim, e por certo por longa data, o seu primado.

Deve dizer-se que o Atlético salvou Lisboa, dando à sua representação grande realce. Não fora isso, dado o abaixamento em vertical operado na equipa belenense, e o prestígio da capital ficaria um pouco abalado.

É de destacar o comportamento do Futebol Clube do Porto. Chegados agora ao fim, pode fazer-se um exame mais profundo e sério, e esse, diz-nos não haver uma tão grande diferença, como poderia supor-se, entre o campeão do norte e os concorrentes mais categorizados. O *team*, nesta sua fase da renovação, portou-se excelentemente, praticando um futebol vistoso e de boa técnica, acusando somente o *handicap*, da falta de força física de alguns dos seus elementos.

É, ainda, o do Olhanense, cuja actuação exaltámos devidamente, sofrendo com paciência a referência de exagerado na nossa apreciação por parte daquelas pessoas, que só vivem para os clubes de Lisboa, tomando quasi à conta de afronta o progresso dos outros clubes da provincia. O certo é que o Olhanense forneceu algumas das melhores exhibições de todo o campeonato, mostrando-se um adversário difícil, ou difficilimo. Há no seu futebol qualquer coisa que empolga, a graça do jogo e seus movimentos, a frescura e a energia dos seus jogadores, enfim, qualquer coisa diferente do que estamos acostumados a observar. A linha de actuação dos algarvios não foi lá muito regular. Mas isso nada significa. A lei da *forma* é inegável. Produz resultados. Também os destrói. No futuro, portanto, o Olhanense tanto pode subir como descer. Importa que o grupo seja tratado carinhosamente na época do repouso. Mais nesa altura do que na actividade.

Justamente a lei da *forma* influiu poderosamente neste Belenenses lisboeta que costuma ter fibra, mas que afinal, e pelos vistos, não sabe resistir aos vendavais. O 6.º lugar para um clube como o Belenenses, com o campeonato de Lisboa incluído no seu nome, não é posição em correspondência com a importância do clube. Justificar as descidas verticais é sempre muito difícil. A verdade é que, na maior parte dos casos, essa justificação reside à investigação. Vem um resultado mau, outro resultado mau, e o conjunto desmantela-se, perdendo a confiança nos seus recusos. O caso do Belenenses não é inédito. Todavia, ou nos enganamos muito, ou o Belenenses vai crescer no torneio que está à porta. Em geral, a mudança de ares, a passagem dum torneio para outro torneio, faz bem às equipas que se encontram nas circunstâncias do clube de Belem. Depois do eclipse vem o sol.

O Vitória de Setúbal teve uma actuação superior ao que seria lícito exigir-se dum grupo tanto tempo afastado das grandes pugnas. Por coincidência curiosa, é nesta equipa que se encontra o homem que melhor e mais eficientemente rematou. Algumas das exhibições setubalenses impressionaram muito favoravelmente não só pelo que representam como pelas perspectivas que abrem ao importante clube de Setúbal, que conta na sua massa associativa verdadeiras dedicações.

O Vitória de Guimarães é o primeiro, do lote dos três, que se mostra muito distanciado dos restantes. Entre o sétimo e o oitavo classificado há dez pontos de diferença, isto é, mais do que o total conquistado por Guimarães, o que tem um significado a evidenciar.

O *team* da Académica ficou em penúltimo lugar, e tudo indica que esta classificação é mais devida a causas fortuitas do que à inferioridade do grupo que fez, nalgumas partidas que vimos, bom futebol, bem ordenado, e bem executado. O Salgueiros lançado no último posto tem na verdade o lugar que lhe compete, pois se mostrou o menos categorizado dos concorrentes ainda que revelasse, em quasi todos os momentos, acentuada boa vontade.

A composição da 1.ª Divisão do campeonato nacional sofrerá alteração no próximo ano? — Não há duvida que a Associação do Porto, e o seu representante Salgueiros, estão em perigo, caindo a ameaça sob este. Se o Sanjoanense ou o Vila Real, que marcam com ganhas na 2.ª Divisão, conseguissem conquistar o título, competir-lhes-ia lançarem-se no assalto, desputando ao Salgueiros a entrada na maior divisão. Porque qualquer desses clubes pertence à Associação que não tem representação na 1.ª Divisão, e o Regulamento da Prova prevê nessa hipótese, jogo de passagem, o que não sucederá se o cam-

peão da 2.ª Divisão fôr um *team* de Associação já representada. Esta disposição — muito bem vista — tende a alargar a representação das Associações na 1.ª Divisão do campeonato nacional. Quere dizer, o futebol portuense está ameaçado de se ver reduzido a um clube, em benefício de Aveiro ou Vila Real. Devemos recordar-nos que o Sanjoanense ch-gou à *final* no ano passado. Seja como fôr, o alargamento do torneio representa uma necessidade do futebol português. Parece-nos que a Associação de Futebol de Aveiro, pela quantidade dos clubes e pela sua importância, merece a inclusão.

A tabela da classificação geral passará à história. Marcaram-se nas dezoito jornadas 456 *goals*, numa média de cinco *goals* por desajo.

O Sporting, 1.º na classificação, é também o primeiro na contagem de *goals* (61-22), excelente marca. O Olhanense foi o grupo que mais bolas marcou (65), e o Sporting aquêle que menos bolas sofreu (22). O Salgueiros foi o último na classificação, e também o último na contagem de bolas. Marcou menos *goals* (23) do que nenhum outro, e sofreu mais do que qualquer dos concorrentes.

As honras de *melhor marcador* foram para Francisco Rodrigues, com 28 *goals*, seguido de Fernando Peyroteo, com 24 bolas. A proeza do avançado-centro do Vitória de Setúbal deve sublinhar-se, por muitas razões, e ainda por não se tratar de elemento integrado nos clubes grandes. O rematador n.º mm do Campeonato Nacional dirige a linha de ataque dum clube que ocupa o sétimo lugar. É preciso, realmente, ser homem de bom remate, com excepcionais qualidades de tiro, para assim se destacar neste capítulo prático do jogo. É um competidor à ilharga, de respeito.

Na última jornada, verificaram-se os seguintes resultados: Olhanense, 3-Benfica, 2; Atlético, 3-Porto, 4; Belenenses, 3-Académica, 1; Vitória de Guimarães, 0-Sporting, 2; Salgueiros, 3-Vitória de Setúbal, 5.

Esta jornada não era mais do que um im-

(Continua na pág. 15)



A «IMPÉRIO» é a única Companhia autorizada a cobrir os riscos derivados das práticas desportivas. Seja previdente, adquirindo uma apólice da «IMPÉRIO» — a Companhia de Seguros que dispõe de maior capital



COMPANHIA DE SEGUROS «IMPÉRIO»
Rua Garrett, 56 — LISBOA

PASSOU por estes dias o 69.º aniversário do Ginmásio Clube Português, cujas habituais solenidades comemorativas foram, este ano, consagradas em especial ao centenário do nascimento do seu fundador, o professor Luiz Monteiro, a quem se deve a introdução da gymnástica em Portugal.

A iniciativa do benemérito insstituto de educação física foi particularmente feliz — tanto que abriu caminho a algumas imitações — e a vida e obra de Luiz Monteiro bem dignas foram da homenagem das gerações contemporâneas, a quem ele abriu, com o seu apostolado, novas possibilidades e mais largos horizontes de acção.

O programa elaborado comportava três sessões, em cada uma das quais foi confiado a individualidade de destaque no meio o encargo de apreciar, sob os seus diversos aspectos, a figura do precursor. Completando-o, no último dia, que era o do sarau de gala, apresentaram-se várias classes do clube, em gymnástica olímpica e em gymnástica educativa, dentro dos preceitos especiais que o Ginmásio ao presente adopta na continuação porfiada da renança pedagógica de Luiz Monteiro.

A eloquente oração do dr. Bustorff Silva

Na primeira sessão devia falar o dr. Ramada Custe mas, impedido de o fazer por motivo de doença, veio a substituí-lo o dr. Bustorff Silva, presidente da C. A. do Ginmásio Clube Português.

Com a sua palavra fácil e fluente, exposição cativante e brilho de frase, o illustre advogado pronunciou uma oração onde o interesse rivalizou com a profundidade de objectivos.

Na sua descrição dos hábitos retardados e da lamentável incompreensão da sociedade lisboeta — inferiores aos que hoje se verificam na mais isolada aldeia de Portugal, na sua feliz comparação — contemporânea de Luiz Monteiro e a pitoresca mas exacta referência ao estranho conceito existente nesse tempo, relativamente às normas de higiene, de vida natural e de exercício, determinaram com rigor

O Ginmásio Clube Português

comemorou, conjuntamente, o seu aniversário e o centenário de Luiz Monteiro

o quadro do meio avêso e retrógrado onde o iniciador das práticas gymnásticas ia lançar o impulso revolucionário da sua campanha de propagação.

O orador esboçou o traçada ascendente da carreira de Monteiro, assinalando-lhe as etapas pelos factos mais marcantes do seu infatigável esforço de organizador e de mestre, desde que em sua volta reuniu — tendo quinze anos apenas — um grupo de amigos para imitarem os números do acrobatas do Circo Price, até à fundação do Ginmásio Clube e ao seu professorado no Colégio Militar, na Escola Académica, na Escola Normal Feminina, etc.

De frisar, o calor que mereceu a exortação à conjugação de todas as forças clubistas, em obediência ao testamento espiritual do fundador, e o verberar amargo ao procedimento de quantos se deixam prender em políticas mesquinhas e dissidências movidas por sentimentos onde o pessoalismo domina o interesse colectivo.

A lição técnica do professor Quintino da Costa

O segundo conferente foi o sr. capitão Quintino da Costa, professor no I. N. E. F. e antigo professor no clube.

O seu trabalho de apreciação a Luiz Monteiro, diferiu nas directrizes: foi a obra de um técnico e de um pedagogo julgando a obra de outro mestre e a causa que lhes é comum.

Durante cerca de meia hora, o auditório escutou a historiação das práticas e evolução de métodos da educação física, desde a remota Grécia até às escolas contemporâneas, sem uma omissão, frizando os factos e as individualidades dominantes, século a século, na vida da humanidade.

Ocupando-se directamente de Luiz Monteiro, cuja influência em Portugal comparou à dos outros chefes de escola estrangeiros, analisou os métodos por ele empregados através das possíveis e sucessivas influências de Amoros, de Jahn e de Ling, descrevendo as bases pedagógicas do método preconizado por cada um deles, até ao pormenor dos exercícios preferidos e dos aparelhos aconselhados.

Na parte final da sua tão bem documentada conferência, o professor Quintino da Costa, referiu-se prioritariamente ao papel desempenhado pelo Ginmásio na orientação do espírito português em matéria de educação física, louvando-lhe o inalterável amorosismo e a pertinaz propagação dos seus princípios de moral desportiva, em

permanente reacção contra os costumes pervertidos da época e do meio.

Uma evocação vibrante e primorosa do dr. Salazar Carreira

O sarau de encerramento teve o lustre da mais honrosa representação oficial e ficar assinalado pela conferência de invulgar realce do dr. Salazar Carreira, nosso distinto colaborador, que nesta emergência excedeu os seus reconhecidos merecimentos de orador.

Trabalho de notável recorte literário, profundo em conceitos, lido com entusiástica vibração, a conferência do nosso prezado companheiro de trabalho alcançou um êxito que se projectou além da cerimónia onde foi englobada.

Principiando por assinalar quão ingrato é em regra o destino dos invocadores de práticas ou criadores de idéias, o orador evocou a figura de Luiz Monteiro, de quem foi ainda discípulo, traçando-lhe o perfil moral e frizando a elevada consciência posta no desempenho da profissão que, para ele, era sacerdotio.

Mostrou os benefícios que da sua acção, sempre norteada com vista ao futuro da juventude de Portugal, se transmitiram para o plano de actividades presentes e reconheceu ser justa compensação do destino ligar a comemoração do seu centenário com a próxima campanha da «Mocidade Portuguesa», alvitando que ao programa desta seja adicionada uma referência pública à acção de Luiz Monteiro, para que os novos o não esqueçam, por lhe desconhecem a existência.

Na parte final do seu belo trabalho o dr. Salazar Carreira, sempre com brilhantismo, exaltou a missão da «Mocidade Portuguesa», manifestando a sua fé no futuro da Nação, confiado a um povo forte e consciente dos seus deveres, tal como Luiz Monteiro o sonhou na sua cruzada de precursor.

O Lisboa Ginmásio homenageou também Luiz Monteiro

Associando-se à iniciativa do Ginmásio Clube, o Lisboa Ginmásio promoveu também uma sessão de homenagem a Luiz Monteiro, cujo elogio foi confiado à competência do professor Celestino Marques Pereira.

Ouviu-se mais uma oração inteligentemente delineada, na qual foi apreciada a acção do pedagogo de larga visão e os dados actuais do problema que dela derivou.

O capitão Marques Pereira reconheceu que a personalidade de Luiz Monteiro não tem sido suficientemente apreciada na justa medida dos fecundos resultados da sua obra. Lamenta-o, porquanto entende que ele bem mereceu o reconhecimento da Nação que serviu.

Considera indispensável, para corresponder ao exemplo de Monteiro, prestigiar o professorado da educação física e pôr cobro à situação desprimorosa que oficialmente o inferioriza em relação aos professores de outros ramos de ensino.

Completando o programa desta brilhante sessão, o professor Aníbal Ramos apresentou a classe de meninos numa agradável lição de gymnástica educativa.

*

Um numeroso grupo de velhos sócios do Ginmásio Clube reuniu-se no dia 18 num jantar de confraternização, evocativo da passagem de mais um aniversário da gloriosa colectividade. O ágape registou selecta concorrência e decorreu animadamente.

Agradecemos a gentileza do convite enviado à nossa revista.

PINTO & AFONSO, L.^{DA}

Com estabelecimento de pneus, câmaras, baterias, óleos, massas consistentes, valvulinas, esponjas e camurças, remendos a fogo, lampadas para automóveis, ferramentas, etc.

Aceitamos baterias para reconstruir e pneus para recauchutar



Compra-se toda e qualquer medida de pneus de suco e «lonas»

Rua do Saco, 38 e 40 (ao Campo de Santana)

LISBOA — Telefone 41579

OLHANENSE - BENFICA: Um autêntico vôo para captar uma bola perigosa.



OLHANENSE - BENFICA: O ataque dos "encarnados" consegue passar a defesa algarvia — mas sem resultado prático



ATLÉTICO-F. C. PÓRTO: Corajoso "mergulho" de Armando Jorge para inutilizar o remate de Artur de Sousa

ATLÉTICO-F. C. PÓRTO: Correias Dias, em luta com Lopes, é batido pois o médio alcantarense alivia



OLHANENSE - BENFICA: Rosa em acção e pouco à-vontade



SPORTING-VITÓRIA (G.): Mourão ataca com energia mas Machado afasta o perigo

Aspectos da última jornada do
CAMPEONATO NACIONAL de FUTEBOL

ATLÉTICO-F. C. PÓRTO: Conceição escapa-se a Guilhar e consegue rematar o 3.º "goal" do Atlético



BELENENSES-ACADÉMICA: Apesar da entrada de um adversário, Quaresma centra com boa conta



SPORTING-VITÓRIA (G.): Peyroteo remata com a sua habitual precisão



VITÓRIA (S.)-SALGUEIROS: Como foi feito o 3.º "goal" setubalense

No IV Circuito de Lisboa

verificaram-se vitórias de Eduardo Lopes, Baptista Alves, Carlos Quadros e Rosa Mateus,

respectivamente em independentes, amadores, iniciados e veteranos

SEM que a afirmação possa ser levada à conta de entusiasmo exagerado, diremos que gostámos da corrida feita pelos estradistas independentes no IV Circuito de Lisboa, disputado no domingo entre a Encarnação e Alcantera, com passagem por Caneças, Belas e Algés. E gostámos porque o seu comportamento nesta prova teve mais mérito do que nos clássicos 50 quilómetros—a luta foi mais cerrada e emotiva e o valor técnico da corrida também pode considerar-se superior.

Verdadeiro contraste

Enquanto que na prova de abertura foram as avarias sofridas pelos favoritos que provocaram decréscimo de valor na competição, porque excluíram dois elementos de classe, na corrida de domingo pode e deve atribuir-se a um acidente de Lourenço, toda a emoção da prova e até todas as suas virtudes como espectáculo.

Sem aquêle «rrelorado» «salto» de corrida sofrido por Lourenço, pouco depois de Caneças, e aceitando que em qualquer caso viesse a ganhar a prova, estamos certos de que o estradista «leonino» não nos mostraria que afinal sabe e pode, quando quer, perseguir um pelotão, marchar tão uniforme e com tal ligeireza de movimentos que até dá a sensação de pouco ou nada custar correr em bicicleta...

Também sem tal avaria não teríamos podido reforçar a nossa opinião de que ao portinguista ainda falta algo de folego, embora ja esteja «andado» de tal maneira que deve ser adversário perigosíssimo em caminhos pouco acidentados e sobretudo numa embalagem final em percurso plano.

E isto porque só com pedalada muito fácil, produto do treino feito a «rolar em *souplesse*», teria sido possível no «leão» ganhar a Rebelo e Lopes, quando estes se esquivavam a uma possível recolagem, na curta descida que vai do Alto de Alfarragide a Algés.

Mas continuemos a dizer porque o Circuito nos agradou...

Dois bons corredores de equipas

Livres da companhia de Lourenço, os dois homens da «luminante», Lopes e Rebelo, jamais se pouparam a esforços, sem cuidarem de saber se, agindo assim, poderiam prejudicar-se reciprocamente. Era necessário andar, para fugir de Lourenço... Isto fez-se com alma, sem se intimidarem por trazerem nas suas rodas Inácio e Mourão, o primeiro fresco e sorridente e o segundo a defender-se como verdadeiro «leão».

Nessa fase da luta, que durou cerca de 20 quilómetros, o campeão nacional de 43 e o «recordman» do Porto-Lisboa agradaram-nos sem reservas.

Lopes, sendo um «sprinter», não teve relutância em ir para o comando—e fê-lo numa cadência de 95 pedaladas por minuto, o que demonstra «forma» muito apreciável. Rebelo, embora menos rápido, foi voluntarioso ao máximo—tão voluntarioso que sacrificou tudo em benefício da vitória individual do seu clube.

O Clube Atlético de Campo de Ourique

vai realizar algumas interessantes festas

O Clube Atlético de Campo de Ourique, que promoveu, com grande êxito, as 9.ª e 10.ª voltas a Portugal em bicicleta, contraiu, por motivo dessa importante iniciativa, enormes compromissos, que se propõe liquidar. Com este objectivo se constituiu uma comissão, que vai organizar algumas interessantes festas, a primeira das quais se realiza depois de amanhã, sexta-feira, no Jardim Círculo, com o seguinte programa: exhibição do filme «Ideias do estádio», alusivo aos Jogos Olímpicos de 1936; um acto de variedades, em que tomam parte diversos artistas do Rádio Clube Português e do Ateneu Ferroviário, e, por fim, fados, pelos apreciados cantadores Maria do Carmo Torres e Manuel Fernandes.

Como Mourão, mercê da bela recolagem com Jacinto, não destoou, e como o quarteto dos melhores cobriu as quatro dezenas de quilómetros da prova em 1 h. e 10 m., o que dá excelente, média, eis porque ousamos considerar este circuito de excelente, sobre os aspectos competição, espectáculo e até de organização.

As restantes provas

Não foi tão brilhante o comportamento dos «puros» na corrida de domingo. Houve, é certo, algo de fogueira a princípio, mas depois, por motivo de se haverem reagrupado certos elementos que se temem mutuamente, tais como Baptista, Tavares Rocha e Dias Santos, a marcha arbrandou e o «tempo» dos primeiros veio a ressentir-se, com escassos segundos apenas de menos que os iniciados. Assim, como voltasse a verificar-se a chegada em «molho», Boptista repetiu a proeza de oito dias antes...

A contrastar com os amadores, os iniciados souberam empregar-se de tal maneira que muitos houve mais velozes que os homens da categoria superior. Todos os concorrentes do

primeiro pelotão fizeram melhor tempo que os amadores do segundo grupo chegado.

Rápido como é, o «apolíneo» Quadros assinalou logo, com uma vitória, a sua primeira saída.

Nos veteranos, mais uma vez triunfou Rosa Mateus, homem de acentuada diferença de idade da maioria dos restantes concorrentes e que é, ao mesmo tempo, o mais rijo e treinado de todos.

As principais classificações

Nos independentes a ordem de chegada foi como segue: Lopes, Inácio Mourão, Rebelo, Lourenço e Jacinto. Tempo dos três primeiros: 1 h. 10 m. e 13 s.

Baptista Alves, em amadores, cortou o risco da meta em primeiro lugar, seguido de Dias Santos, Aristides Paulo, Tavares da Silva, Hernani Ribeiro e Pinto Ribeiro. Tempo: 1 h. 15 m. e 50 s. Chegaram mais 10 corredores. Carlos Quadros, vencedor em iniciados, foi seguido de Gomes Barros, Martins Coelho, António Henriques, e Albino Dias, todos no tempo de 1 h., 16 m. e 19 s. Terminaram a corrida mais 23 ciclistas.

Em veteranos, seguiram-se a Rosa Mateus, o vencedor, Conceição Rodrigues, Joaquim Alves e mais 4 concorrentes.

Colectivamente o Sporting triunfou em «ases» e veteranos; o Lisgás em amadores; e o Benfica em iniciados. A «luminante» classificou-se em segundo lugar nos independentes e amadores e o Lusitano e Apolo, também em segundo, nos veteranos e iniciados.

GIL MOREIRA

A EMBRIAGUEZ PUGILISTICA ou "Punchdrunkenness"

NOTAS DE RAFAEL BARRADAS

COMO dissemos há dias, a mais funesta das conseqüências imputáveis ao pugilismo, exceptuando, como é bem de ver, a morte, tem o nome de *embriaguez boxística* ou *punchdrunkenness*.

Até 1928, quando H. L. Maitland fez a sua comunicação científica, esse estudo patológico era pouco menos do que ignorado pelos médicos. Sabia-se, então, vagamente, que alguns pugilistas sofriam de moléstia cujos sintomas gerais indicavam desequilíbrio permanente do sistema nervoso central.

Desde então, o número de casos conhecidos foi crescendo de modo notável em diferentes países. Chegou, nos Estados-Unidos, a um ponto tal de vulgaridade que, desde 1937, a Associação Nacional de Pugilismo impôs, nos 38 Estados onde orienta os destinos do «boxe», a aplicação de um imposto de 1 por cento sobre o preço dos bilhetes dos espectáculos, a fim-de, com o produto das receitas cobradas, construir um asilo-sanatório destinado a albergar os pugilistas incapacitados por doença e, especialmente, pela que serve de epígrafe a esta crónica.

Muito embora em Portugal não haja facilidade de imitar a iniciativa americana, somos de parecer que seria útil criar um «fundo de auxílio» que minorasse a sorte dos jogadores desamparados, por moléstia adquirida nos «rings».

Conhecemos uns poucos de casos de embriaguez boxística. Um vive e passeia pelas ruas da cidade a sua miséria física e material, arrastando, de passo incerto, o corpo trôpego, que evidente paralisia facial mais estigmatiza.

Auxiliar pecuniariamente é-te homem seria, duplamente, humano e desportivo.

Quem quiser acompanhar demoradamente o trabalho de Maitland pode consultar o jornal da Associação Médica Americana n.º 91. 1103, do ano de 1928.

Um jogador reputado, N. S., foi sujeito a observação minuciosa.

Queixava-se de tremura na mão esquerda e instabilidade dos membros inferiores, motivos que o levaram a abandonar as lides boxísticas em 1913. Pelejou durante 7 anos, com êxito notável, só havendo sido batido por *knockout* duas vezes. Não sofreu nunca de moléstia importante; não fuma nem bebe.

O doutor H. L. Maitland notou-lhe, também, hesitação flagrante na fala, gaguez, in-

certeza no andar e outros pormenores e sintomas que indicavam tratar-se de um caso de paralisia agitante, bem definida.

Depois, o número de casos observados mundialmente foi crescendo e o notável doutor Ernest Joki menciona um dos seus clientes, W. S., o mais famoso jogador sul-americano.

Este infeliz perdeu grande parte das suas qualidades: orientação, atenção, atitude, tenacidade, concepção e associação de idéias, análise de factos, etc. Em resumo, toda a sua mentalidade desceu grandemente.

Homens de ciência como K. Bowman Blau, Carroll, Parker, Wolff, etc., publicaram, até 1941, memórias e estudos que vieram a lume nas revistas especializadas da Europa e dos Estados-Unidos.

Todos os casos observados revelam a existência de uma moléstia intimamente relacionada com os traumatismos frequentes no «boxe» e cujo nome de *dementia pugilistica* traduzimos, nós, para embriaguez boxística.

Qual será o origem íntima deste caso patológico? Ainda não pode dizer-se com segurança, pois os médicos não chegaram a um acôrdo perfeito.

Maitland julga que sucessivas pancadas no crâneo provoquem ligeiros derrames sanguíneos no cérebro. O livro de neurologia de H. Oppenheim (1908) sugere que traumatismos na cabeça originem pequenos focos hemorrágicos, distribuídos, quasi sempre, no *corpus striatum* e no *thalamus*.

Creutz (1930) é de parecer que há semelhança entre a *punchdrunkenness* e a encefalite post-traumática.

Carroll conclui (1936) por dizer que choques repetidos desenvolvem insuficiência nas células nervosas e, daí, a moléstia.

Thorndike (1938) hesita em dar uma opinião. A escassez de espaço e a aridez do assunto não nos permitem entrar em pormenores e divagações. Há, porém, uma conclusão importante a emitir e que enderecamos a todas as pessoas que se interessam pelo «boxe»:

«Só uma preparação física muito cuidada, assente na solidez de um corpo naturalmente forte, está em condições de fazer profissão no ring. Só uma técnica apurada consegue atenuar, esquivar e sofrer, com um mínimo de danos, os golpes na cabeça. Que todos os pugilistas se previnam e se defendam da *embriaguez boxística*. Tal defesa é um acto essencial para salvaguarda da saúde futura!».

DIRIGENTES

O grave problema do desporto

UM dos problemas de maior acuidade de todos os tempos é o de saber mandar. Há muitos indivíduos que revelam excelentes qualidades de execução, mas, uma vez investidos num lugar de comando, dão apresentações deficientes e erros que podem prejudicar enormemente as actividades que dirigem.

No desporto, este facto assume importância primordial, uma vez que as funções são atribuídas por uma eleição quasi uniformemente de favor, pois olha vantagens de ordem financeira ou representativa do homem, e não o seu mérito como orientador ou promotor de ideias.

Há dirigentes que fazem carreira e estão nos seus lugares por direito próprio; mas, há outros que lá foram colocados para servir funções, sem ter em vista de fender princípios básicos da boa organização desportiva.

Infelizmente, políticas apertadas têm colocado em posições de destaque, com responsabilidades enormes, indivíduos que, durante a sua vida desportiva, não revelaram as qualidades essenciais para dirigir. A culpa, se em parte cabe nos eleitores, por haverem aceitado um físico para o qual não existem condições de qualquer espécie, na grande maioria dos casos — para não dizer de forma absoluta — só pertence a quem, esquecendo os superiores interesses do desporto nacional, guindou a altos poderes quem não possui valor, competência e tenacidade indispensáveis para o uso de um poder de tal latitude.

É que, se as deficiências técnicas não, já por si, demonstração de incompetência, o esquecimento dos deveres que se assumiram por encargo de uma assembleia geral, dá fraca demonstração das qualidades de quem, em lugar de comando, descarta as suas obrigações de dirigente.

Estamos a ver o problema sob o seu aspecto objectivo — não focamos nada nem ninguém em especial — através de muitas questões que temos escutado e de muito que se diz a propósito deste ou daquele.

A missão de um dirigente é agrada, pode dizer-se. Mas para que possa realizar as suas funções, subordina todos os que lhe estão subordinados, é preciso que se compenetre das responsabilidades inerentes ao cargo que assumiu, que cumpra tão fielmente as suas obrigações como o esperam aqueles que o elevaram até esse posto de direcção.

Não é dirigente quem quer; a sua escola é a do dever, do cumprimento integral das suas funções, subordinando o seu pensamento a tudo que represente o interesse da modalidade ou ideia que serve, sem esquecer os ditames da honestidade e da consciência.

Preparar dirigentes deve ser a preocupação essencial de momento. E não é problema que se resolve assim de um instante para o outro. Seleção rigorosa, escola de valores, aproveitamento criterioso das dedicadas — eis a trilogia a pôr em prática, para prestígio do desporto nacional.

MARIO AFONSO

SEMANA A SEMANA

Centro de Medicina Desportiva

POSTA em prática, em Lisboa, a instalação de um Centro de Medicina Desportiva, aguardamos agora que o Pôrto seja também dotado com esse melhoramento, essencial e indispensável para que o desporto seja, como deve ser de facto, um agente da educação física e não causa de depauperamento de praticantes mal acasalados.

Sabíamos que a ideia marchava na capital. Já pelo burgo ainda levava tempo a dar-se a conhecer. Foi graças ao sr. dr. Fernando Prata de Lima, inspector dos Desportos, que nos disse aguardar certos pormenores para, depois, convidar os jornalistas para uma visita ao Centro. Não descansamos enquanto se não atingiu essa finalidade, da qual os desportos recolherão incentivo forte, uma vez que seja possível condicionar a prática das modalidades ao respectivo exame clínico do praticante. Teremos assim uma forma de evitar que qualquer desportista pratique, simultaneamente, toda a espécie de jogos, com prejuízo da sua preparação ginástica e das suas possibilidades atléticas.

Falhas no ciclismo?

Parece que as coisas não seguiram rumo normal na prova dos 50 km. da Associação de Ciclismo do Norte. Alguns camaradas nossos queixam-se de pouca atenção para com a imprensa, por parte de um dirigente da nível instituição, o que é de lamentar. É esquecer, mesmo por lapsos que os desportos devem à imprensa e aos seus trabalhadores, é um caso de consciência — que tanto pode revelar desconhecimento como má vontade.

Não nos repugna aceitar o esquecimento, mas bem será que não se repita, para que o ambiente se não anuvie. Nesta prova dos 50 km. faltaram 3 clubes inscritos na Associação: Académico, Sarrárea e Vilanovense. Qual a razão? Supomos que será tudo menos desinteresse, o que, a registar-se, seria muito aborrecido.

Quando se jogará «handball»?

Adem as críticas da modalidade, há perfia, a apontar o grave defeito de se estar a misturar a modalidade com outra que nada tem de semelhante: o «rugby». De facto, desde há anos que a tendência dos jogadores de «handball», em especial daqueles que vieram para modalidade já quando ela começava a reduzir a sua acção de propaganda, é a de fazer tudo quanto seja possível para não cumprir as regras. Bem sabemos que o recurso é difícil, porque se cairia em verdadeiros «concertos de apito» se o árbitro fosse a assinalar todos os encontros ou prisões que se verificam durante os 60 minutos de cada prova. Mas se nisso está o remédio — vamos a ele! É preciso fazer com que se jogue «handball». Use-se de todas as formas para pôr os praticantes dentro das leis do jogo. Tire-se valor e brilho à competição? Paciência. Acima de tudo está a modalidade, que não pode continuar a ser

PARA FECHAR...

BREVES APONTAMENTOS ACERCA DO COMPORTAMENTO DOS «TEAMS» NORTENHOS

PELAS suas características, o campeonato que acaba de findar, após dezoito jornadas de emoção, interesse e entusiasmo, serve admiravelmente para tirar conclusões acerca do valor do nosso futebol em relação a cada região e a cada clube que tomou parte na árdua disputa do título máximo. Consultando os números e recordando exhibições, pode, agora falar-se, com relativa firmeza da posição que cada um ocupa no panorama futebolístico nacional. Uma espécie de derradeiro exame, onde as verdades — amargas ou doces... — não podem ser desvirtuadas pela crítica mais hábil, porque acima de qualquer possível interesse está a realidade dos números, com a sua clareza inofensível. E essa realidade não poderá ser negada, mesmo seja a «creratura», os «trenchidos» e os «argumentos» sejam a faltar...

Ao fazer-se pois, esse exame final — agora que o campeonato de 1944 entrou a constituir assunto histórico — verificamos desde logo a supremacia do futebol do Sul sobre o do Norte. Assim, começemos por dividir os clubes concorrentes, em dois grupos: o do Norte (F. C. do Porto, Salgueiros, Vitória de Guimarães e Académica de Coimbra); e o do Sul (Sporting, Belenenses, Benfica, Atlético, Vitória de Setúbal e Olhanense). Verifica-se que dos quatro clubes nortenhos presentes na grande prova, três deles ocupam a cauda da classificação geral, e que o restante não foi além de modesta posição secundária.

Porque a esta vez os números, que corresponde em absoluto à verdade dos factos, merece ser ponderada por quem de direito, pois não se poderá chamar pessimista aquele que afirmar ser decadente o estado do futebol nortenho.

O sul dominou em toda a linha, como sói dizer-se, e se há algumas razões extraordinárias para se justificar certos desluzes, elas não chegam, por outro lado, para aliviar, na mais pequena parcela que seja, a desproporção de valores entre as duas regiões.

E se a tudo isto juntarmos uma opinião muito pessoal — o futebol de hoje vale alguma coisa menos do que o de ontem — teremos que a decadência dos nortenhos é, na realidade, ainda mais grave do que a primeira vista poderá parecer.

Como resolver o problema? Intensificando a preparação dos jovens, criando-se o gosto pelo jogo de boa técnica e sem atropelos às leis que o regem, procurando-se, em cada clube fazer ponderada renovação da massa praticante. E o campeonato diz-nos que nada disso se tem feito, aqui no Norte. Só o F. C. do Porto foi capaz de apresentar algum trabalho, mas mesmo assim, muito aquém das suas responsabilidades.

Não nos deixemos pois, embalar pela fantasia e pelo exagerado optimismo. A realidade é esta: o futebol nortenho está em crise; há que a debelar — e quanto antes.

Depois da crise...

A época sembrada que o F. C. do Porto atravessou no ano passado, atribuímo-la a dois factores: o de ordem moral e o de ordem técnica.

Portanto, os reveses dirigidos ao clube foram encontrar um ambiente de profunda desorganização, que exigia trabalho persistente e cauteloso. E souberam encarar-lo, diga-se, com toda a serenidade e ponderação, começando por onde deviam: combater, antes de tudo, a crise de ordem moral.

Hoje, pode afirmar-se já que esse factor de inferioridade desapareceu por completo. O team apresentou-se durante toda a época fortalecido por uma moral sã, o que não sofreu abalo nem mesmo quando os resultados deixaram de ser favoráveis. Ora isto é importantíssimo — e pode dizer-se que meio caminho está andado para se conseguir o completo resurgimento do F. C. do Porto. Mas só meio caminho, porque a outra metade — a de ordem técnica — não se resolve, com neste caso não se resolve, numa só época.

Este ano, os dirigentes de F. C. do Porto têm já atropelada por quem não sabe como se joga «handball». Haja quem dê ordens nesse sentido e a defesa começará a fazer assim, à força de apito, já que de outra forma nada se consegue.

Como se está fazendo agora é que não pode ser. É necessário sanear a modalidade, impedindo o choque entre os contendores. Para isso é preciso singular espírito de observação, em especial na luta entre a defesa e o ataque.

Crise no «basketball»?

Parece que do desporto da bola ao cesto, nem tudo são rosas... O campeonato de juniores ainda não começou — e o tempo já vai estando bastante quente. Discordamos com jogos de «basketball» no verão, pelo esforço que exigem aos seus praticantes, com todo o cortejo de coisas perigosas que determinam.

Por outro lado, regista-se a falta do Nautico, que deveria dar ao campeonato em curso maior movimentação. O Vilanovense tem o seu campo interdito por 60 dias, em consequência do encontro ali efectuado entre o grupo da casa e o do Fluvial. Dizem que as coisas que se teriam dado não motivariam o castigo se houvesse certo cuidado da parte de quem dirigiu a partida, tanto mais que o Fluvial não se queixa de qualquer má atenção para com os seus jogadores.

Haverá ainda «mal de inveja»? Estas medidas disciplinares, que obviamente devem merecer o aplauso de todos, por indispensáveis têm, no entanto, de ser aplicadas condicionadamente, não se vá resvalar...

razões para se sentirem satisfeitos. Agora, com a equipa moralmente apetrechada, resta-lhes a tarefa mais espinhosa: dar-lhe o «poder» técnico à altura das suas responsabilidades e das suas necessidades... mas esse trabalho leva tempo e há que ter paciência e ser persistente para se alcançar o objectivo em questão.

Sobre a actuação do F. C. do Porto no campeonato deste ano, ditamos que a equipa cumprirá de outro, daquilo que ela realmente vale no momento que passa.

O team dos campeões do Porto está recheado de elementos novos, alguns que prometem revelar-se como autênticos ases (Araújo, por exemplo), outros que só a altura das circunstâncias os levou ao posto que ocupam, e que não merecem ainda — por insuficiência técnica ou por insuficiência física. Esses jovens apareceram, assim, permatamente no grupo de honra. O valor global da equipa tinha de se ressentir desse facto — como na verdade se ressentiu.

Ao lado dos novos, os «antigos» não deixaram de fazer boa figura: Guilhar foi ainda o defensor seguro de que o F. C. do Porto necessita; Pinga, como orientador teve jogos preciosos; e Focas e Sárrea nunca deixaram de ser úteis à equipa.

Dentro desta miscelânea de jogadores «novos» e «antigos», os azuis brancos não podiam aspirar, para já, a grandes cometimentos. E pode dizer-se, até, que fizeram uma época de experiência. Falta agora saber aproveitar...

Em síntese: dentro das suas possibilidades actuais o campeão português cumpriu — e, mais do que isso, deu-nos a certeza de que os dirigentes estão empenhados em conduzir a equipa aos melhores lugares do futebol nacional.

Os três da cauda...

O Vitória de Guimarães foi, depois do F. C. do Porto, o team do Norte que melhor se comportou no torneio.

Obrigados a uma ausência de mais de dois meses do seu campo de jogos, os vimaranenses viram-se impossibilitados de obter a posição a que podiam aspirar. Duas vezes foram êles ao campo do Atlético e do Vitória de Setúbal, deixando por isso de jogar a sua «chance» — entre a sua gente, E, no seu campo, os vimaranenses deram sempre provas de team capaz de uma surpresa. Que o digam o Benfica, o Porto e o Olhanense...

Técnicamente, o Vitória deixou nos a impressão de precisar de «sangue novo». A par de alguns jovens com imensa habilidade, que Alberto Augusto saberá aproveitar, outros há que precisam de «reforma».

Zefeiro, por exemplo, embora dedicado e incansável batalhador, já não pode desempenhar cabalmente o lugar de jogador de médio-centro. E parece-nos que para este lugar está Castelo a merecer a escolha. Por isso, uma renovação, embora parcial, no team, deve figurar nos projectos dos dirigentes do Vitória para a nova época.

Quanto à Académica, fez o que pôde e o que lhe deixaram. Mas por questão moral, a equipa não deu o rendimento que era lícito esperar-se da sua constituição, onde existem valores individuais de relativa classe.

Factos estranhos ao jogo e insuficiência de conjunto (e o «conjunto» é a base do futebol), levaram, porém, o team a um modesto lugar — que oxalá sirva de lição para a próxima época. Por último tempo, os Salgueiros. Ninguém poderá dizer que êle não se encontra na posição que merece. Mas se isto acontece, talvez não seja descabido atribuir as maiores culpas aos próprios dirigentes, sempre preocupados em formar um team «novo» para cada jogo...

O Salgueiros não foi feliz. E pessoalmente — confessamos esperávamos melhor da sua actuação.

A pesar de tudo, porém, são dignos de elogios todos os seus jogadores, suportando estoicamente as «fantasias» dos dirigentes e encarando a superioridade dos adversários com o melhor espírito desportivo.

EDUARDO SOARES

ATLETISMO

NOTAS SOLTAS

NO momento em que escrevemos estes ligeiros apontamentos ainda não foram dados a conhecer os nomes dos desportistas que os clubes indicam para a futura direcção da A. P. A. Convido, e como sintoma agradável, podemos informar desde já que se nota grande entusiasmo pelo assunto nos nossos clubes e que algumas das mais destacadas figuras do meio foram abordadas para fazerem parte da referida Associação.

Ainda bem que a iniciativa do F. C. do Porto foi compreendida. Só com o bom entendimento esse tema pode ser um facto o ressurgimento do atletismo nortenho.

As sessões de treino entraram num período de franca actividade nos principais clubes. Regista-se a presença de muita gente nova, disposta a dedicar-se ao atletismo e que para êle veio cheia de entusiasmo.

Resta agora que os clubes saibam aproveitar êsses jovens, preparando-lhe ambiente compatível.

(Conclui na pág. 14)

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



A semana registou curiosa série de acontecimentos, que «Stadium regista nesta habitual página com verdadeiro agrado.

A FESTA NA «CASA DA MOCIDADE» foi uma interessante cerimónia, na qual se procedeu à entrega das insígnias de ginástica, atribuídas de acordo com o concurso efectuado há pouco, e se prestou homenagem a Carlos Gouveia Franco, jovem atleta da «M. P.» e recente vencedor do campeonato nacional de florete. Após diversas exhibições por classes de ginástica — nas quais se salientou o excelente conjunto do Colégio Académico — de uma demonstração em conjunto pelos esgrimistas do Centro Especializado da «M. P.» e de assaltos de florête, espada a sabre, procedeu-se à entrega de insígnias a que aludimos acima, depois do que o sr. capitão Gomes Marques felicitou Gouveia Franco e lhe ofereceu, em nome dos fillados da Ala 2 (Lisboa), uma placa alusiva à sua vitória. Também o sr. Campos de Andrade se referiu à conquista de um título nacional pela «M. P.», chamando a atenção dos rapazes que o escutavam para o significado deste facto. As classes desfilarão depois perante Gouveia Franco. As gravuras: 1 — O campeão de florête recebe do sr. capitão Gomes Marques o estojo com a placa a que fizemos referência; 2 — A classe de ginástica do Colégio Académico. O 11.º ANIVERSARIO DO CLUBE FUTEBOL BÉNFICA — Têm prosseguido com brilhantismo as comemorações do 11.º aniversário desta activa colectividade. A cerimonia mais impressionante: o desocerramento (3) da placa que dá ao seu «rink» de patinagem o nome do brilhante internacional Fernando Adrião. A NOVA DIRECCÃO DO SPORT CLUBE DO PORTO — Efectuou-se há dias a posse dos novos corpos gerentes desta conhecida colectividade nortenha, de passado brilhante e sempre em permanente actividade pró-desporto. A gravura (4) foca a cerimonia de posse. FUTEBOL DE JUNIORES DO PORTO — O «team» do Futebol Clube do Porto (5) vencedor do torneio regional da categoria na capital do Norte.



2



3



4



5



REMO — A actividade desportiva da «Mocidade Portuguesa» prossegue semana a semana, sempre com o maior entusiasmo. No domingo disputaram-se as provas finais das regatas escolares de remo, efectuadas ao longo da Junqueira. A fotografia (1) foca um aspecto da prova em que estava em jogo a taça «Mauperrin Santos», para a qual alinharam cinco tripulações e que foi ganha, por um terço de comprimento, pela Escola Manuel Bernardes, seguida do Colégio Militar. A taça «Nobre Guedes» coube aos Pupilos do Exército, que bateram a Escola Náutica num esforço impressionante. O NOVO CAMPO DO HOCKEY CLUBE — Como referimos noutra vez, o Hockey C. P. inaugurou o seu novo campo desportivo, promovendo um festival que decorreu com interesse. As gravuras mostram o desceramento da placa (2) que dá ao campo o nome de João da Cruz, dedicado sócio do H. C. P., e os grupos do S. L. Benfica e do clube em festa (3) que jogaram o encontro inaugural de «hockey».

NATAÇÃO — Concluiu no domingo o «V Torneio de Primavera», organização anual inter-sócios do Algés e Dafundo. Os concorrentes à última jornada (4) fotografados para a «Stadium». A falta de espaço força-nos a deixar para o próximo número a correspondente referência técnica.

ATLETISMO — Começaram as provas de «corta-matos», efectuando-se a competição de «Abertura». As gravuras: 5 — Chegada de João da Silva, do Benfica, vencedor em seniores; 6 — Fase da prova desta categoria.

O III LISBOA-PÓRTO e o IV campeonato inter-clubes de Lisboa

HOMENS há que, não cultivando o xadrez, nem por isso demonstram menor aprêço pelo científico jogo, prestando à sua causa serviços relevantes, aos quais se deve o vigoroso incremento que ultimamente se tem notado no desenvolvimento da modalidade. Referimo-nos aos srs. Luís Caldeira Lupi, Vergílio Soares e Artur Aires, secretários, respectivamente, da Sociedade de Propaganda de Portugal, Sociedade Propaganda Costa do Sol e do casino da Póvoa de Varzim. Com larga visão e belo espírito de iniciativa, estes dedicados propulsores do nosso xadrez não regateiam nunca o seu alto patrocínio nas provas mais prestigiosas, concedendo as maiores facilidades para a sua realização e desempenhando, em suma, parte integrante na árdua tarefa de propagar os ideais do xadrez.

Com efeito, o próximo «match» Lisboa-Pórtos e o IV campeonato inter-clubes de Lisboa, actualmente em curso, são organizações de enorme e benéfica repercussão e devem-se a Vergílio Soares, Guilherme Cardim e Francisco Lupi, este último conhecido técnico da modalidade.

A primeira das provas citadas é excepcionalmente importante. Segundo as mais presumíveis probabilidades, o sumptuoso «hall» do Casino do Estoril será, no próximo sábado, teatro de magnífico embate entre as forças mais representativas dos dois principais centros do xadrez nacional. Eis as linhas, cuja ordem é ainda susceptível de alteração: Lisboa—Carlos Pires, J. Moura, dr. Mário Pereira, dr. A. Pires,

CAMPANHA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

(Continuação da pág. 3)

cerce. Ressaltam assim, à evidência, as vantagens do aspecto teórico e prático da Campanha: tanto num como no outro, por igual, se pretende a colaboração de todas as delegações do País — e em ambos se pediu, como já disse, a colaboração de entidades alheias dos nossos quadros, mas perfeitamente integrados no interesse pelos problemas da juventude. Todos os esforços se estão a empenhar para conseguir, também, que as delegações provinciais se dediquem ao estudo dos aspectos diferenciais da educação física e dos que possam ter, localmente, interesse específico.

— Quais os meios a empregar para esses fins?

— Tantas quanto possível fôr: conferências, artigos em todas as publicações, números especiais de algumas revistas, mais de cem palestras radio-difundidas sobre todos os problemas da ginástica e do desporto. A campanha compreende ainda concursos para a disputa da insígnia de ginástica, campeonatos desportivos, um grande desfile na Avenida da Liberdade, com a presença de delegações de todas as províncias, e um magestoso sarau numa grande casa de espectáculos. Isto em Lisboa, porque em todo o país se realizarão festivais e demonstrações de educação física, procurando fratos do trabalho paciente, metódico e consciencioso e servindo acima de tudo para mostrar até onde a «Mocidade Portuguesa» poderá ir, se os seus parcos meios actuais forem aumentados e alargado o âmbito da sua acção, ou melhor, tornado real o âmbito de acção que lhe compete, até ao ponto de se eliminarem as deficiências actuais e permitir que a sua influência irradie até onde ela não pôde ou não quis ir no presente, por estar certa de não obter resultados eficientes com as possibilidades actuais...

Eis o principal, do muito que com o seu comunicativo entusiasmo nos transmitiu o capitão Celestino Marques Pereira, infatigável propulsor dos problemas da educação física, outro espírito moço — que é o homem próprio, no lugar próprio, a dirigir as actividades físicas da «Mocidade Portuguesa».

SALAZAR CARREIRA

dr. G. Ribeiro, G. Russell, dr. P. Braumann e F. Lupi, efectivos; R. Nascimento e R. Silley, suplentes. Pórtos: J. M. Ribeiro, Leonel Pires, Alexandre Gonçalves, A. Martins, dr. F. Encarnação, dr. Evaristo de Oliveira, Augusto Faria e Gencsi Dezsö.

O campeonato inter-clubes é também uma prova de renome, que, devido à sua importância, é já considerada como «derby» do xadrez lisboeta. Concorrem este ano, sob a direcção do eng. Nadim de Carvalho, dez equipas (mais duas do que nos anos anteriores), o que significa que estarão agora em foco mais de meia centena de xadrezistas, entre os quais figuram todos os nossos actuais «ases». O prestígio de dois poderosos clubes — o Belenenses e o Benfica — fez com que se reunissem, sob a sua égide, os melhores xadrezistas do momento. A equipa do Benfica, detentora da taça instituída, apresenta 4 titulares: C. Pires, campeão de Portugal, G. Russel e dr. A. M. Pires, mestres da F. P. X., e R. Nascimento, campeão do G. X. L., além de dois suplentes categorizados, Araújo Pereira e Lucílio Ventura, o último, vencedor do recente torneio da Categoria «B» do G. X. L.

Todavia, o grupo «azul» pode equiparar-se aos «encarnados», pois Ribeiro, Braumann, Lupi e Silva Ramos, talvez os jogadores mais discutidos da actualidade, constituem forte conjunto. Não deve esquecer-se, porém, que estará também em jogo uma outra equipa igualmente poderosa — a da Costa do Sol — que este ano é formada por xadrezistas distintos.

Depois deste trio — incontestavelmente o que mais probabilidades reúne — destacam-se o Técnico, Caçadores e Hokey Club — equipas que, a avaliar pelas actuações anteriores, mais legítimas aspirações podem ter.

Nas restantes equipas — Instituto Britânico, Imprensa Nacional, Café Paladium e Barreiro — afigura-se-nos equilíbrio manifesto no rendimento global, o que certamente contribuirá para o brilhantismo da prova.

Estão instituídos dois troféus: a taça «Estoril», que será atribuída definitivamente à equipa que obtiver três vitórias, e outra, denominada «Espírito de Oxford», oferecida pela Associated Press, por intermédio do seu representante, sr. Luís Lupi, que se destina à equipa menos classificada e que tenha disputado todas as edições da prova.

«Stadium», no intuito de premiar o esforço individual dos xadrezistas participantes, ofereceu uma medalha, que será atribuída ao jogador que melhor pontuação obtiver, ou, em caso de empate, à melhor partida.

Stadium Capital do Mundo

(Continuação da pág. 11)

Sobretudo no Salgueiros, no Académico e no F. C. Pórtos, tem-se trabalhado com bastante interesse. Os treinos, em ambos os clubes, passaram a fazer-se não só ao domingo, mas também duas vezes por semana, aproveitando a nova hora de verão.

Oxalá os clubes encontrem a compensação dos seus apreciáveis esforços!

Achávamos de grande utilidade no progresso dos nossos praticantes a realização periódica de conferências sobre os problemas técnicos do atletismo, nas salas dos clubes que mantêm as respectivas secções. Porque não se pensa nisso?

Provavelmente já não teremos provas de «cross» esta época. O tempo está a passar, e os clubes, no momento, estão muito atarefados com a organização da A. P. A., — base indispensável do ressurgimento do atletismo norte-norte. E compreende-se que assim seja. Contudo merecem elogios os dirigentes do Salgueiros pelo carinho com que têm amparado os praticantes do «cross», embora saibam de ante-mão que estão a trabalhar provas inter-sócios...

PARA ONDE VAMOS?

FORAM submetidos a julgamento público dois desportistas que, em jogo de competição de «hokey», em campo, usaram do «stick» para agredirem um adversário. Escusado é dizer que foram condenados em péna remível, ouvindo da boca do julgador, dr. Carlos Ferreira, adjunto da P. I. C. desta cidade,

A imprensa do norte anda empenhada numa campanha tão curiosa como oportuna — a reunião de todas as associações regionais do Pórtos numa sede comum. Esta concentração de sedes federativas é útil, sob varios aspectos. A união faz a força.

NÃO se compreende a prurida das instalações reservadas à Imprensa em alguns campos de jogos. E não é apenas pela contrapartida com os serviços prestados pela imprensa aos clubes de desporto. É, igualmente, por impossibilidade de desempenho de uma função que interessa aos clubes. Sem se ver bem, não se pode criticar com justiça. É um axioma.

O Académico Futebol Clube do Porto, que tem uma pista de ciclismo no E. tádio do Lima — não tem actualmente ciclistas. É quasi sempre assim — quem pode não quer, e quem quer, não pode...

PARECE que o «boz» vai animar no Porto, com uma sessão pública no Palácio de Cristal, a realizar muito em breve. Com a entrada na Primavera, vão aparecendo os espectáculos ao ar livre. É aproveitar...

O BENFICA vai realzar uma prova de tiro reduzido, de homenagem aos atiradores do Porto. Tem como título «Prova da Cidade Invicta»; é disputada por equipas de 4 atiradores, nas três posições regulamentares; e é organizada com o patrocínio geral de toda a imprensa portuguesa.

Trata-se ao mesmo tempo de uma homenagem — e de propaganda

VAL ser festejado condignamente o «meio século do olimpismo moderno». Nas festas em projecto colaboram os «comitês» olímpicos de todo o mundo. É uma festa à margem da guerra, como nos tempos de paz. Dentro do programa elaborado pelo Comité Olímpico Português figura a consagração da obra do professor Luiz Monteiro.

EM Espanha, disputaram-se, num dos últimos domingos, os campeonatos universitários de atletismo. Entre nós, vai ainda longe a época de atletismo em pista. De Espanha vem de vezes bom vento... Nós é que nem sempre o aproveitamos...

DE Espanha vem também o exemplo das provas de marcha atlética. É uma modalidade votada entre nós ao mais completo ostracismo.

AS primeiras provas velozipédicas de estrada caracterizaram-se pela redução em orientação de corredores. Em independentes foi, então, uma pobreza franciscana em Lisboa, de seis clubes e seis corredores; no Pórtos, dois clubes e cinco corredores. Foi um pouco fraco, mesmo para começo de temporada.

COMECARAM no passado domingo, e prolongam-se até sábado, as festas comemorativas do XI aniversário do Clube de Futebol Benfica. E segue-se depois a comemoração do XXXVIII aniversário do Futebol Clube Barcelonense, anunciada para o período compreendido entre 8 e 16 do Abril.

— A ambos — os nossos parabéns.

palavras de reprovação para a sua atitude, a par de frases nas quais o desporto era pôsto no devido lugar.

Mal vai ao desporto se se entrar na necessidade de derimir contendas desportivas em pleno tribunal. Já aqui o temos dito: as modalidades andam mal orientadas ou mal acompanhadas. O que se não permite hoje no futebol, está a acontecer no «hokey», no «handball» e noutras manifestações desportivas.

É preciso um pulso de ferro, indomável, para se opor a estes desmandos. Ou aparece, ou a finalidade desportiva será um mito irrisório, apontado a dedo pelos detractores do desporto.

Não basta já a interdição dos campos. Essa medida não dá os resultados que se pretende. O que há a fazer é condenar os grupos. Equipa que conte indivíduos que não são desportistas — dentro da verdadeira expressão da palavra — deve ser afastada de qualquer competição. Desta forma, as direcções dos clubes poderão responsabilizar os chefes de secção pela composição dos seus «entres». De outra maneira — sofre o menos culpado: o clube.

É preciso um exemplo dignificante. O desporto não pode ser arrastado ao pelourinho de um tribunal pelo facto de qualquer praticante não saber conter os nervos — ou não possuir a educação desportiva que lhe é exigida.

Senão, é caso para perguntar: Para onde vamos, se continuarmos assim?

Ficaram oito clubes com possibilidades de ganhar a prova...

Caminha-se apressadamente para a conclusão da mais movimentada prova do futebol português: o campeonato nacional da II Divisão.

Oitem — 16.ª jornada da competição — disputaram-se seis encontros, cujos vencedores foram arredados do torneio. De catorze concorrentes que podia aspirar a conquista do título, só oito podem continuar a acalentar essa esperança.

Uma das facetas de maior agrado que a prova apresenta nesta sua fase final é, sem dúvida, a luta inter-regional. A luta trava-se agora, entre representantes das várias Associações do país e isso trás, incontestavelmente, maior animação e interesse.

Os seis desafios do último domingo tiveram os seguintes resultados:

Famalicão — Leixões	3-2
S. C. Vila Real — Académico	6-0
Académico (Viseu) — União Coimbra	0-2
Saiojaneense — S. C. Covilhã	2-1
Estoril Praia — Unidos Barreiro	2-1
Unidos de Lisboa — Caldas S. C.	10-2

Verifica-se que só um clube visitante teve possibilidades de anular a desvantagem da deslocação — o União de Coimbra. Verdade seja que o seu adversário não era dos mais terríveis e isso não chega, portanto, para considerar pressa a vitória dos combricenses.

Usa a netta a situação e essa deve ser mesmo o facto saliente da jornada: a eliminação dos dois representantes que a A. F. Porto tinha na prova, imposta por clubes que não atingiram ainda a cotação do Leixões e do Académico. Com efeito, enquanto estes clubes já tiveram valor para constituir a I Divisão do Nacional, os seus adversários de domingo, respectivamente Famalicão e Vila Real, não tinham.

O Académico, sobretudo, foi mau representante do futebol português. E, implicitamente, deve pôr-se em evidência a alteração dos viraiaesenses, que obtiveram um «score» concludente.

O Leixões foi melhor representante da sua Associação. Perdeu, é certo. Mas impôs o prolongamento da luta por mais meia hora. Pode afirmar-se que não saiu dominado da contenda.

O Saiojaneense — finalista da prova em 1943 — teve luta difícil contra os «leões» da serra, que já têm estado em evidência em anteriores edições da prova. O resultado revela luta de igual para igual.

Finalmente, os dois clubes de Lisboa estiveram em situação oposta. Enquanto o Unidos se desembrachou de Caldas S. C., com o sorriso nos lábios, o Estoril teve de empregar-se a fundo para vencer o Unidos do Barreiro.

Mas, ao fim, os desfechos das lutas não contrariam os prognósticos.

ZÉ DO PEÃO

Terminou o campeonato nacional (Conclusão da pág. 6)

parativo regulamentar, confirmando, por acaso, as indicações já dadas. O Olhanense mostrara há muito a sua capacidade realizadora; e o Porto a sua organização. No entanto, as vitórias do Olhanense e do Porto representam bons resultados para os vencedores.

Como elemento final de apreciação damos, a seguir, a classificação geral do Campeonato Nacional de 1943-1944.

1.º Sporting, 14 vitórias, 3 empates, 1 derrota, 61-22 em bolas, 31 pontos; 2.º Benfica, 11 vitórias, 4 empates, 3 derrotas, 57-34 em bolas, 26 pontos; 3.º Atlético, 9 vitórias, 6 empates, 3 derrotas, 51-28 em bolas, 24 pontos; 4.º Porto, 10 vitórias, 3 empates, 5 derrotas, 48-36 em bolas, 23 pontos; 5.º Olhanense, 10 vitórias, 2 empates, 6 derrotas, 65-34 em bolas, 22 pontos; 6.º Belenenses 9 vitórias, 3 empates, 6 derrotas, 41-32 em bolas, 21 pontos; 7.º Vitória de Setúbal, 7 vitórias, 3 empates, 8 derrotas, 52-59 em bolas, 17 pontos; 8.º Vitória de Guimarães, 2 vitórias, 3 empates, 13 derrotas, 25-68 em bolas, 7 pontos; 9.º Académica, 3 vitórias, 15 derrotas, 35-68 em bolas, 6 pontos; e 10.º Salgueiros, 1 vitória, 1 empate e 16 derrotas, 23-84, 3 pontos. Há até 1945 um campeão.

DE LUTO

Engenheiro António Hintze Ribeiro

Faleceu há dias o sr. engenheiro António Hintze Ribeiro, deputado da Nação e presidente da Casa dos Acores. A ilustre família enlutada, e em especial a seu filho, sr. engenheiro António Hintze Ribeiro, e a seu genro, sr. engenheiro Henrique Cunha da Silveira, apresentam sentidas condolências.

Carlos Brito Alves Cardoso

Registou-se também, na última semana, o falecimento do sr. Carlos Brito Alves Cardoso, pai do sr. capitão Jaime da Veiga Cardoso, distinto professor de educação física e mestre de armas, e avô do sr. Carlos Cardoso, esgrimista da «M. P.». Os nossos sinceros pêsames.

ACONTECIMENTOS DA SEMANA

ATLETISMO — A «Mocidade Portuguesa» organizou várias provas, que forneceram os vencedores seguintes: comprimento, José Valente, 5^o 30; disco, Vergílio Borges, 24^o 30; 80 metros, Joaquim Campos, 9 s. 7/10; altura, César Cunha, 1^o 52; peso, Vergílio Borges, 3^o 23; estafeta mista, Escola de Marquês de Pombal, 4 m. 6 s. 5/10.

BASKETBALL — O Barreirense ganhou o campeonato de Setúbal, seguido do Unidos do Barreiro, Luso e Vitória.

FUTEBOL — As equipas dos Institutos Superiores Técnico e de Ciências Económicas e Financeiras classificaram-se para a final do campeonato universitário de Lisboa, uma organização do Centro respectivo da «Mocidade Portuguesa».

— Nas meias finais do campeonato de Lisboa de juniores, para a taça «António Stromp», Benfica venceu Unidos, empatando Sporting e Belenenses, 1-1. Este último desafio repetiu-se hoje, no Tapadinho.

— Em Setúbal (campo dos Arcos), disputou-se a meia-final do campeonato provincial da Estremadura, da «Mocidade Portuguesa». A Escola de Manuel Bernardes (Lisboa) venceu por 1-0 o Liceu de Barbosa do Bocage (Setúbal), classificando-se finalista.

Na primeira jornada da segunda volta da taça «Arthur José Pereira», torneio de reservas da A. F. L., verificaram-se os seguintes resultados: Belenenses-Benfica, 6-2; Chelas-Sporting, 2-0; Operário-Estoril Praia, 4-2; Unidos-Atlético, 5-0.

— Para apuramento de mais um finalista (com Fábrika de Sacavém, C. R. Gás e Electricidade e Estabelecimentos Herold) do campeonato nacional corporativo, zona de Lisboa, jogaram no campo de Afonso de Albuquerque, em Belem, os «teams» da E. G. Transportes e de Material de Engenharia. Ganhou o último por 3-2, com prolongamento.

HIPISMO — Efectuaram-se, no Jockey Clube, mais duas provas de obstáculos da série organizada pela Sociedade Hípica Portuguesa, vencedores: Tavares de Almeida, no «Iarross», e João de Moura, no «Zambezo», respectivamente, em 1 m. 17 s. 2/5 e 55 s. 4/5.

HOCKEY — EM CAMPO — Na inauguração do campo «João da Cruz», em Palma de Baixo, propriedade do Hockey Clube de Portugal, a equipa desta colectividade empatou por 2-2 com a do Benfica.

LUTA GRECO-ROMANA — O Ateneu Comercial pôs em 1969, pela quarta vez, o troféu «António Pereira», num torneio entre escolas que decorreu animadamente e teve oitavo o seu epílogo.

NATAÇÃO — Na piscina «Eduardo Portugal», do Alge, correram-se as últimas provas do V Torneio da Primavera, cujas classificações finais foram as seguintes:

Provas de inscrição livre — 1.ª categoria: 1.º «ex-aquo» Fernando Leal e Oscar Corral, em 1 m. 47 s. 7/10; 3.º José Cabral Júnior, 2.ª categoria: 1.º Carlos Borges, 1 m. 55 s. 1/10; 2.º Carlos Matias; 3.º Anibal Nabais. Homens (iniciados) — 1.º Orloff Esteves, 2 m. 11 s. 4/10; 2.º Antunes da Costa; 3.º Rolando Meisão.

Infantis — Rapazes (1.ª categoria): 1.º Armando Rodrigues, 1 m. 13 s. 9/10; 2.º Guilherme Patrone; 3.º João do Vale, 2.ª categoria: 1.º Armando Silva, 1 m. 27 s. 9/10; 2.º Eduardo Barreiro; 3.º Joaquim Ramos. Meninas: 1.ª Lucília Anjoia, 1 m. 28 s. 9/10; 2.ª Maria Helena Barradas; 3.ª Maria Luísa Malheiro.

TIRO AO ALVO — Guilhermê Guedes, o atirador-«recordman», alcançou mais uma vitória: no VIII «brasard» do Benfica, obteve o máximo de 200 pontos, em prova de 30 tiros, a 10 metros, na posição deitado. Classificaram-se depois: Godofredo Bravo Dias e Manuel Ferreira Borges, ambos com 198 pontos.

— Retiraram-se na sede do Casa P. A. C. os delegados das colectividades concorrentes à terceira prova «Manuel Castelo Branco», organização daquele clube. Registou-se a inscrição de 150 atiradores, em representação de 13 clubes.

TIRO À CHAMBA — Nas últimas provas disputadas no «stand» do Lumiar, Carlos Nogueira, por inúmeras vezes «twenty-five» (25 em 25), conquistou mais outro resultado igual, o primeiro máximo de «skeet» da época. Na prova «handicaps», Orlando de Carvalho e Baltazar Moser empataram (34 em 40) para o 1.º lugar.

VOLLEYBALL — O Ginásio Clube Português integrou nas comemorações do seu 60.º aniversário a estreia da equipa da especialidade, que perdeu por 0-2 com a de Ciências Económicas e Financeiras.

— Também o Hockey Clube de Portugal e o Ateneu Comercial fizeram a apresentação dos seus «teams», ganhando o último por 2-1.

NO ESTRANGEIRO

CICLISMO — Cubroa ganhou novamente o campeonato de França de ciclo-pedestre, batendo, ainda, o «record» da prova, que fixou em 1 h. 8 m. para os 21 quilómetros do percurso habitual.

NATAÇÃO — Em Neuvहन, o americano Alan Ford («recordman» do mundo das 100 jardas, estilo livre, com 51 s. 1/10) melhorou este tempo para 49 s. 7/10.

SKI — Em Helsingin e em Dresde disputaram-se os campeonatos, respectivamente, da Finlândia e da Alemanha, ganhos por Laussi Sivaloinen, o primeiro, e Sepp Bradl, ex-campeão do mundo, o último.

ATLETISMO

Principiou a temporada de corta-mato

O BENFICA VENCEU AS QUATRO PROVAS DE ABERTURA

A Associação de Atletismo de Lisboa inaugurou no domingo a sua temporada de corta-mato, fazendo correr no campo do Jockey as quatro provas de abertura — nas quatro categorias oficiais.

As provas atraíram numeroso público e satisfizeram inteiramente, tanto sob o aspecto desportivo como de organização.

No conjunto das competições, o Benfica marcou acentuada vantagem, ganhando a classificação colectiva nas quatro corridas e três dos primeiros lugares individuais.

O estreante Manuel Gomes, que no ano passado se revelou ganhando os 3000 metros populares das Jornadas de Propaganda Desportiva do «Diário de Notícias», o principiante António Xavier e o «senior» João Silva, foram os benfiquistas que triunfaram. O «júnior» sportingista Afonso Marques completa a lista dos vencedores.

João Silva e Afonso Marques foram os homens que deixaram melhor impressão, pela autoridade com que se impuzeram aos adversários, dominando-os de longe.

DR. KAREL POTT

Teve a gentileza de nos apresentar os seus cumprimentos de despedida o sr. dr. Karel Pott, conhecido desportista, que segue a retomar as suas funções públicas em Loureano Marques. Desejamos-lhe feliz viagem e prosperidades.

ANO XII — Lisboa, 29 de Março de 1944 — II SERIE-N.º 69

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor

DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:

T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º

Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e Impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e Impressão tipográfica na

GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

«STADIUM» aconselha

para depois do futebol...

Uns aperitivos nas

BERLENGAS

todos os mariscos e cerveja

R. Barros Queirós, 35

A CENTRAL DA BAIXA

Restaurante — Pastelaria — Salão de chá

A casa mais indicada, no seu género, para se jantar depois do futebol

R. do Ouro, 94-98 — R. Sapateiros, 33-37

Gostou do futebol?

Então também vai gostar de jantar no

CAFÉ SUISSO

Largo D. João da Câmara

OLIMPIA CLUB

oferece-lhe umas horas de agradável prazer com a orquestra

ABEL REZENDE

CICLISMO - o IV circuito de Lisboa



Os independentes iam ainda juntos à saída de Caneças. Nesta altura comandava Rebêlo, seguido de Lourenço, Lopes, Inácio, Jacinto e Mourão

Fotos Nunes de Almeida



Os veteranos



Os amadores júniores e seniores



Em cima: o numeroso pelotão dos iniciados. Ao lado: A cêrca de cem metros da meta, Mourão arranca para o "sprint" final. Eduardo Lopes, porém, melhor apetrechado, não teve dificuldade para o bater — e ganhar



Stadium